

FAKE NEWS E COGNIÇÃO SOCIAL

Edwiges Moratoⁱ

Comentário do Editor

Este Editorial é de autoria da professora Dra. Edwiges Morato. Edwiges Morato é professora e pesquisadora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Ela é mestra e doutora em Linguística pela mesma Universidade, com período sanduíche na Université de Sorbonne-Nouvelle (Paris III), na França. Graduou-se em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP). Cursou também Especialização na Faculdade de Educação da UNICAMP. Fez dois pós-doutorados: um na Universidade de Paris XII e outro na Université Lumière II (França). Foi visitante do Institut Jean Nicod (França). A professora pode ser considerada atualmente como a maior especialista brasileira na área dos estudos do texto e da cognição (social), objetos de interesse deste dossiê temático.

Edwiges Morato é também líder do Grupo de Pesquisa COGITES (Cognição, Interação e Significação)¹ sediado no IEL-UNICAMP. O COGITES tem desenvolvido achados pioneiros e importantes na “1. Análise de processos linguísticos e sociocognitivos envolvidos em práticas interacionais variadas, com foco nas seguintes questões: enquadres cognitivos (frames, modelos de contexto, metáforas, etc.), referência, tópico discursivo, processos de ordem meta, figuratividade, multimodalidade, entre outras. 2. Descrição e análise de patologias linguístico-cognitivas, em especial as afasias e a Doença de Alzheimer; reanálise da semiologia neurolinguística. 3. Constituição e análise de corpora variados de linguagem em uso” (Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)².

É com sentimento de honra e alegria que abrimos este dossiê temático com Editorial da professora Edwiges Morato.

¹ O site oficial do Grupo de Pesquisa COGITES pode ser acessado em: <https://cogites.iel.unicamp.br/>.

² O espelho do Grupo de Pesquisa no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq pode ser acessado em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2202765260058603>

Os dois textos que integram a seção intitulada “Estudos textuais e (socio)cognitivistas sobre questões sociais contemporâneas” se pautam pela análise das *fake news*, fenômeno cuja compreensão integra os interesses do estudo da cognição humana e sua infraestrutura pragmática (que envolve, segundo Tomasello, 2019, sociabilidade, cooperação, moralidade, compartilhamento de intenção, aprendizagem cultural, entre outros processos próprios da vida associada).

O primeiro deles, de autoria de Cruz, intitulado **A conceptualização de *fake news* como evidência da cognição social**, dedica-se a compreender, por meio de *frames* (notícia, boato, mentira, informação falsa), como se dá a recepção e a disseminação de *fake news*, indicando que esse fenômeno é forjado em meio a processos sociocognitivos como cooperação, perspectivação e experiências individuais e sociais. Os dados analisados pela autora são extraídos de comentários realizados em uma das aulas (“O que são *fake news*?”) do curso *online* “Cidadania digital e leitura crítica: como analisar informações falsas”, disponível no portal TEC Sala de Aula.

O segundo texto da seção, de autoria de Palumbo e Aquino, intitulado **A força argumentativa das *fake news* em rede digital**, analisa vinte e oito textos falaciosos – associados à tomada de posse do presidente eleito Lula da Silva e à suposta intervenção do ex-presidente Jair Bolsonaro e das Forças Armadas para impedi-la – disponibilizados no site Aofatos.org e relacionados aos resultados das eleições presidenciais brasileiras de 2022.

O primeiro texto destaca as condições de emergência das *fake news* com base em Bentes (2018) que afirma, em entrevista concedida à “Revista do Instituto Humanitas Unisinos”:

No caso das *fake news*, os contextos parecem ser o de 1) polarização de visões de mundo; 2) guerra híbrida e 3) possibilidade de disseminação rápida, via grandes plataformas (Facebook, Twitter, Whatsapp, Google) de assuntos considerados urgentes, sensacionais e/ou de grande interesse (especialmente político, cultural, econômico, científico etc.)

Cruz pondera que nem sempre a disseminação de notícias falsas é feita intencionalmente, sendo frequente que seu receptor deixe de proceder de algum modo à verificação da veracidade dos eventos narrados ou noticiados. Nesse contexto, como a autora afirma, a disseminação de *fake news* pode ser feita por *bots*, o que permite que sua produção se transforme em uma verdadeira indústria.

O segundo texto indica que a repetição, no *corpus* analisado, destaca-se como a estratégia textual e sociocognitiva central na dinâmica argumentativa de disseminação de *fake news* nas redes digitais. Segundo as autoras: “Do ponto de vista argumentativo, as *Fake News*, nas redes digitais, precisam ser examinadas a partir de agrupamento de textos-discursos, uma vez que é o conjunto junto à dinamicidade das redes que conferem força argumentativa dessas produções”.

Esses dois textos, com seus movimentos interpretativos do sentido textual, dão conta, por sua vez, de salientar a maneira pela qual a perspectiva sociocognitiva se mostra uma alternativa epistemológica altamente interessante no enfrentamento de uma das questões mais complexas da análise linguística: aquela que diz respeito à articulação entre processos (semióticos, cognitivos, interacionais) verbais e não verbais nas práticas de linguagem.

Vimos que os processos implicados na produção e recepção de *fake news* salientam, entre outras coisas já bem descritas na literatura linguística (em especial, no campo dos estudos textuais e dos meios de comunicação), o papel da intencionalidade, da moralidade, do compartilhamento de crenças e da confiança epistêmica.

Essa perspectiva das *fake news* leva-nos a ponderar sobre suas relações com outros fenômenos também associados à falta à verdade, como a **mentira** (má fé, falsidade, hipocrisia, farsa etc.) e o **autoengano**. Eis aqui uma agenda interessante de estudo. É certo que esses fenômenos, e outros a eles assemelhados (como o pseudo involuntário ou o erro de reconhecimento da realidade factual), podem ser de difícil distinção.

A questão da intencionalidade, conceito regulador na análise de fenômenos como os mencionados, nem sempre é ponderada pela factualidade. Não é à toa que a mentira nem sempre é mal tolerada, apesar de sua condenação moral em nossa tradição cultural.

É certo, ainda, que, embora potencialmente infratores em relação à verdade factual e à confiança epistêmica que depositamos uns nos outros, esses fenômenos não são uma mesma coisa. Ainda que, por vezes, discursivamente assemelhados e ajustados a um nem sempre “adequado sucedâneo” da realidade (ARENDDT, 1972/2000, p. 312), esses fenômenos criam cada um à sua maneira seu próprio espaço referencial e recursivo (no sentido de “capacidade de criar” a referência discursiva), de modo total ou parcialmente independente da realidade.

Em que pesem suas semelhanças e diferenças, tais fenômenos colocam em cena os fatores de constituição de uma infraestrutura pragmática da cognição humana (TOMASELLO, 2019) que é preciso descrever melhor: dizem respeito a graus variados de reflexividade linguística e social dos participantes das práticas interacionais, à perspectivação conceitual, ao pensamento cooperativo, à coordenação de ação, à consideração de normas e valores socioculturais; podem ser considerados intoleráveis, aceitáveis, desejáveis ou mesmo obrigatórios por convenção pragmático-discursiva, não são infensos às determinações de várias ordens da vida em sociedade.

O estudo das *fake news* em uma perspectiva sociocognitiva do texto, como fazem as autoras dos dois textos que integram o dossiê, pode confirmar no plano empírico o que não se detalha muito, mas pode ser entrevisto, em toda notícia e gêneros discursivos semelhantes: que há um limite para o nomadismo da verdade ou a obliquidade da linguagem se ambas forem tomadas em suas circunstâncias de uso social e por este contingenciadas. Este limite pode ser explicado por um realismo experiencial (SALOMÃO, 2003).

Em uma perspectiva sociocognitiva da linguagem, Margarida Salomão (2003, p. 82) afirma, a propósito:

Na verdade, o fato de que a representação do mundo encontre na moldura interacional o seu ancoramento necessário impede que a razão simbólica não se despregue como ordem da realidade independente, monólogo da razão descarnada, como se o “mundo da verdade fosse gerado pela mentira (isto é, pela *aparência*, como diriam os gregos).

Se as *fake news* não têm compromisso com a verdade (ou com a correspondência entre linguagem e mundo), o que garantiria confiança epistêmica (cf. ORIGGI, 2004)³ ao campo jornalístico ou aos meios de comunicação de uma forma geral (inclusive, o da comunicação da ciência)?

Poderíamos, ainda, somar uma outra pergunta a essa já formulada: de onde se controla o texto que mal informa, ou que informa mal?

³ De acordo com Origgi, “a confiança parece ser um aspecto crucial das relações interpessoais, da ordem social e política, e da cooperação em geral”. Além disso, “a confiança das pessoas na ‘ordem cognitiva’ da sociedade influencia sua confiança na ordem social e é influenciada por ela” (ORIGGI, 2004, p. 1).

Questões como essas nos ajudam a ponderar que as *fake news* ganham sentido em uma dimensão que não se reduz à significação linguística e suas condições muito situadas, ainda que dependam dela para existirem.

Sem pretender dar uma resposta a essas questões, creio que é no terreno mesmo do uso social da linguagem que elas são enfrentadas como buscas de discernimento e racionalidade normativa em meio às práticas interacionais e discursivas.

É por meio, pois, das unidades as mais correntes de uso da linguagem que conhecemos, isto é, os *textos* (orais, escritos, multimodais), tomadas como “formas reificadas de cognição social” (ANTOS, 1997; KOCH, 2002), que enfrentamos não apenas os riscos da “deriva simbólica” (SALOMÃO, 2003, p. 83), como também as práticas falaciosas que afetam campos sociais como o jornalístico e outros.

Os muitos trabalhos científicos pautados pela natureza textual e cognitiva das *fake news* atuam na direção de desvelar mais e mais os processos que configuram nossa representação do mundo. A insídia, a fraude, a manipulação e o descompromisso com (o conhecimento sobre) a realidade dos fatos, comuns no entendimento das *fake news*, acabam ressaltando a natureza sociocognitiva da comunicação humana e as ações que ocorrem a partir dela.

Referências

ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

ANTOS, G. Os textos como formas constitutivas do saber. Sobre algumas hipóteses para o funcionamento da linguística de texto a base de uma teoria evolucionária. In: ANTOS, G. *O Futuro da linguística de texto: transformações, tendências*. Tübingen: Niemeyer, RGL 188, 1997. p. 43-65.

BENTES, A. C. *O texto além do texto*. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. ed. 520, abr de 2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7249-o-texto-alem-do-texto>>. Acesso em: 06 jul 2020.

KOCH, I. G. V. K. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SALOMÃO, M. M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sócio-cognitivo da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 71-84, jan./jun. 2003.

ORIGGI, G. *Is Trust an Epistemological Notion?* Episteme, Cambridge University Press (CUP), 2004, 1 (1), pp. 61-72.



EDITORIAL

TOMASELLO, M. *Becoming Human: a theory of ontogeny*. Harvard University Press, 2019.

ⁱ Professora Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP).

E-mail: edwigesmorato@hotmail.com

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6794591756569605>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0986-2630>